



HISTÓRIAS DE FAMÍLIA

(COM ALGUMA IMAGINAÇÃO)

LUIZ E DIVA

O BONDE DA FLORESTA

Eles se conheceram na Rua da Bahia, em Belo Horizonte. Saindo do trabalho com Juvenal, Diva notou o rapaz moreno, de olhos vivos e testa larga conversando com Jorge Werneck, seu ex-colega na escola da D^a Alzira Lobo. Bom motivo para parar e bater um papo. Logo soube que o rapaz se chamava Luiz e era estudante de engenharia. Não era de hoje que ele acompanhava à distância aquela moça sorridente, de pele muito clara e cabelos curtos, vestida com elegante simplicidade e que chamava atenção pela suavidade de sua beleza.



Diva e Luiz

Foi Jorge quem sugeriu o *encontro ocasional* na Rua da Bahia, para romper de vez com a timidez do amigo. A conversa já ia animada, quando veio a sugestão inevitável. Que tal um sorvete no Bar do Ponto? Eu acompanho vocês até lá, mas não posso ficar, disse Juvenal; a Ilda está me esperando. Jorge ainda ficou um pouco, mas logo se afastou, discretamente, juntando-se ao grupo de colegas que proseava ao lado.

Luiz e Diva emendaram uma conversa longa, como quem não quer perder o momento. Ela contou que havia se formado há pouco tempo na Escola Normal e que, enquanto não arranjava emprego como professora, tinha pegado um bico com Juvenal na Loteria Mineira para ajudar na contabilidade. Foi lá, onde era contador, que ele conheceu sua irmã, Ilda – paixão fulminante – e estão casados há pouco. Fazer lançamentos no livro caixa não era propriamente o que Diva queria da vida. Mas, em vista das dificuldades financeiras que sua família enfrentava, doze filhos e a saúde debilitada do pai, os filhos tinham que se virar muito cedo, mesmo as moças que, em outras circunstâncias estariam esperando marido e ajudando nas tarefas de casa. E você? Pelo jeito não é mineiro. Não, disse Luiz, eu nasci no Maranhão, mas, muito novo ainda, fui morar no Rio de Janeiro com minha família. Depois que

o meu pai morreu, mudamos para Belo Horizonte, minha mãe, eu e meu irmão Syr. Quando terminar a faculdade, se der sorte, arranjo um emprego por aqui mesmo. Ao barulho dos bondes e alarido da rapaziada, o papo continuou por algum tempo, os dois ignorando o que se passava em volta.

Bem, a conversa está boa, mas a essa hora mamãe está me esperando já aflita. Moro numa chácara, ali na Rua Sapucaí, na Floresta. Com essas palavras, Diva, ao mesmo tempo pesarosa e feliz, despediu-se, atravessou a Avenida Afonso Pena e foi tomar o bonde, logo ali na frente do Bar do Ponto. Luiz estava eufórico e nem se lembrava mais da prova de cálculo da manhã seguinte. Seguiu noite adentro, no Bar do Ponto, festejando e comentando com Jorge e os outros colegas o sucesso do “encontro ocasional”.



BELO HORIZONTE NOS ANOS 20



Os anos vinte marcam uma época romântica da história da capital de Minas. Entre passeios de bonde e sessões de cinema, entre conversas nos cafés e o footing, a vida seguia alegre. Belo Horizonte era a “Cidade-Jardim”, onde o verde das árvores saltava das ruas e invadia as casas, tomando quintais e pomares.

Nesse período, a capital viu nascer a geração de escritores modernistas que mais tarde iria se destacar no cenário nacional. Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Luís Vaz, Alberto Campos, Pedro Nava, Emílio Moura, Milton Campos, João Alphonsus, Abgar Renault e Belmiro Braga, reunidos no Bar do Ponto, no Trianon ou na Confeitaria Estrela, eram rapazes inquietos que mudaram o panorama da literatura brasileira.

No campo das artes e da cultura, a cidade experimentou um grande desenvolvimento. Enquanto o Teatro Municipal vivia anos de glória, novas salas de cinema eram inauguradas como os cines Pathê, Glória, Odeon e Avenida. Em 1926, o maestro Francisco Nunes fundou o Conservatório Mineiro de Música. No ano seguinte, era criada a Universidade de Minas Gerais. Em 1929, fundou-se Automóvel Clube, ponto de encontro da elite belo-horizontina.

Como um reflexo do fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a indústria de Belo Horizonte ganhou impulso na década de vinte. Os serviços urbanos foram ampliados para atender a uma população sempre crescente. Parecia, finalmente, que a modernidade tinha chegado à Capital. Foram inauguradas grandes obras, como o viaduto de Santa Tereza, a nova Matriz da Boa Viagem e o Mercado Municipal. Os automóveis circulando pelas ruas tornaram-se comuns, exigindo a criação de um código de trânsito e de auto-escolas. Surgiram também os auto-ônibus, complementando os serviços de bondes.

Como prova do desenvolvimento e do prestígio, Belo Horizonte recebeu a visita dos reis da Bélgica, em 1920. Na ocasião, toda a Praça da Liberdade foi reformada, adquirindo o seu aspecto atual. Em 1922, para comemorar os cem anos da independência do Brasil, a Praça 12 de Outubro passou a se chamar Praça Sete de Setembro e ganhou o famoso “Pirulito”!

Texto adaptado de www.portalpbh.pbh.gov.br. Localizar no “Mapa do Site”: História/Coletâneas de História/História de Belo Horizonte/Anos 20 e 30 - A poesia toma conta da cidade. Pesquisa feita em 18/11/2008.



O namoro continuou nos dias, nas semanas e nos meses seguintes, cumprindo o mesmo ritual. Encontravam-se sempre no final da tarde, Diva descendo a Rua da Bahia, depois do trabalho, e Luiz esperando por ela em frente ao Bar do Ponto. Juntos, pegavam o bonde para a Floresta. Nada de descer na Avenida do Contorno, ponto mais próximo da Chácara, pois a conversa era longa para um percurso tão curto. Seguiam até o final da linha, na Rua Pouso Alegre e voltavam. Diva descia na Contorno com Sapucaí e Luiz continuava até a Avenida Afonso Pena, onde tomava um outro bonde, saltando em frente ao Colégio Arnaldo. Dali era um pulo até a Bernardo Monteiro 921, onde ele morava. Ambos guardavam uma distância prudente da casa do outro, intimidade que seria excessiva na falta de um compromisso mais firme. E, cada vez mais foram se encontrando um no outro. Em 1927, quando começaram o namoro, Diva tinha 21 anos e Luiz 23.

O lugar desse encontro era Belo Horizonte e já havia se passado quase três décadas desde que a cidade fora fundada, embora fosse ainda um centro jovem e vibrante.

Para namorar, bem melhor do que o bonde da Floresta, sempre apinhado de gente na saída do expediente, eram as festas no clube Belo Horizonte ou na casa do Dr. Hugo Werneck, pai do amigo Jorge. Nos intervalos da dança havia sempre uma varanda ou uma sombra no jardim, sob o céu estrelado, onde se podia roubar um beijo e sentir o arrepio de uma carícia.



Luiz Azevedo Cadaval, Izabel Palhano Cadaval
e Luiz Palhano Cadaval

O NOIVADO

Depois de dois anos de namoro, Luiz ainda não estava formado, mas achou que era hora de começar vida nova. O ponto de partida era o noivado e isso tinha lá os seus problemas. Embora nenhum dos dois tivesse entrado na casa um do outro, as famílias já sabiam do namoro e até mesmo desejavam uma aproximação maior. Mas, daí a enfrentar Da Nazinha e “seu” Francisco, pais de Diva, ambos muito austeros, ele até mesmo ríspido, havia uma distância razoável. Juvenal, já bem entrosado na família, foi convidado para pedir a mão de Diva. E lá se foram, no dia marcado, muito enfatiotados, D^a Belinha, Syr e Luiz, à chácara dos Guimarães.

A entrada da chácara era pelo alto da Rua Sapucaí, de onde se avistava, ao fundo da ribanceira, os trilhos e a estação da estrada de ferro. No centro do terreno, cercado de arame farpado coberto de maricá, ficava a casa, simples e ampla, de dois pavimentos. Chegava-se ao andar de cima por uma escada rústica de cimento, sem corrimão; nele ficavam a sala, a cozinha e os quartos do casal e das filhas. Os filhos e os agregados, gente conhecida de Sabará, ocupavam o

andar de baixo. À noitinha, quando chegaram, não dava para ver a horta e o pomar, que Luiz só iria conhecer dias mais tarde. O Rubin, um pedreiro espanhol que trabalhara para o seu Francisco, havia plantado uma macieira junto à porta da cozinha que, desafiando o clima quente da cidade, dava frutos todos os anos. Para sua surpresa, Luiz descobriu também que cada filha tinha uma árvore: a de Diva era uma mangueira.

A iluminação era precária e havia pouco tempo que substituíra os lampiões a querosene. Não havia banheiro, as necessidades eram feitas numa privada de madeira fora da casa e o banho era tomado com bacia, nos próprios quartos, onde ficavam também os enxergões¹, com colchões de palha, dispostos um ao lado do outro. Na cozinha, chamava a atenção um grande fogão de rabo, à lenha, sempre acesso, com o bule de café fumegante.

Foram recebidos por Diva e Juvenal, acompanhados de D^a Nazinha. Seu Francisco, já muito doente, esperava na sala para evitar sereno. Aos poucos chegaram os outros moradores da casa: as filhas – Olga, Ara, Ilda, Dulce, Dora e Zulma – os filhos, Ninico, Tenente, Elton, Nhonhô e Elminho

¹ Espécie de estrado de madeira com base trançada em arame.



e os agregados, que à época do noivado eram Otávio Sepúlveda, Martiniano, Adauto e Zezinho. Para alívio de todos, a visita foi breve e chegou ao fim sem maiores percalços, apenas envolta num clima que estava longe de ser descontraído, talvez pelo desconhecimento mútuo, talvez pela presença de gente refinada, como D^a Belinha e seus filhos. O licor de jabuticaba, servido com olho de sogra, bala de coco e biscoitinhos de nata, foi muito elogiado e ajudou a quebrar um pouco a formalidade do ambiente.

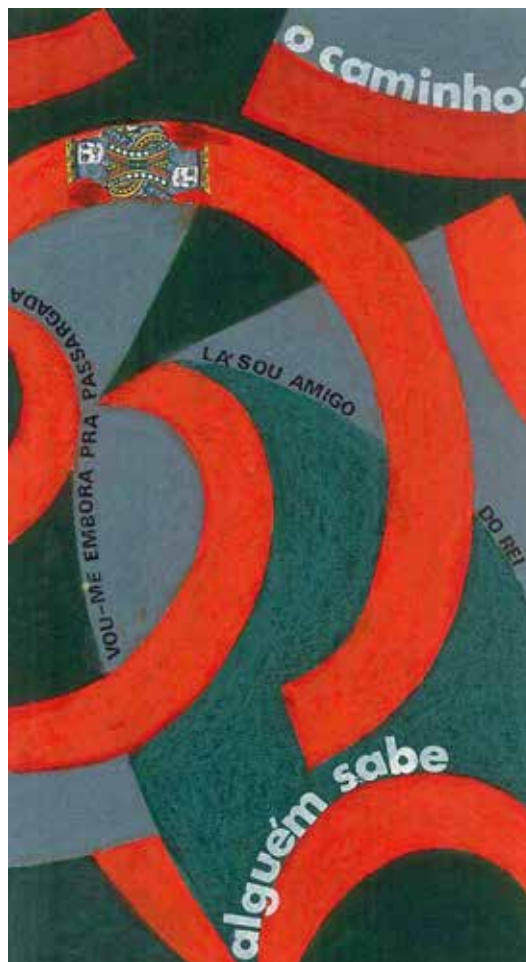
Durante o noivado, Luiz podia frequentar a casa, mas com hora marcada para se retirar. Os encontros no bonde da Floresta continuaram. Saídas à noite só acompanhados e os “paus de cabeleira” mais comuns eram Dora e Luiz Souza Lima, amigo de confiança da família. Já idosa, Diva se lembrava com saudade das festas dessa época em casa de suas primas, filhas de Altina e Aurélio Lobo.

Até o casamento, D^a Belinha continuou a ser quase uma estranha para Diva, que apenas uma ou outra vez entrava na casa da Bernardo Monteiro,

recém construída, sempre em ocasiões formais, como uma festa de aniversário ou durante a visita anual de Nossa Senhora. A verdade é que, duas personalidades fortes, uma não simpatizava com a outra e essa dificuldade viria a se acentuar mais tarde, depois do casamento.

D^a Belinha, cujo nome de casada era Izabel Palhano Cadaval, nasceu em Codó, no Maranhão, onde seu pai era um grande fazendeiro, produtor de algodão e dono de muitos escravos. Terminada a guerra civil americana, os Estados Unidos voltaram a ser grandes exportadores de algodão e a agricultura algodoeira do Nordeste brasileiro não suportou a concorrência, entrando em decadência. A família de D^a Belinha abandonou a fazenda Mata Virgem e radicou-se principalmente em São Luiz e no Rio de Janeiro. Izabel conheceu seu futuro marido, o então Capitão de Fragata Luiz de Azevedo Cadaval, natural da cidade de Rio Grande (RS), quando estava visitando uma prima em Belém. Casaram-se e moraram em várias cidades, fixando-se no Rio de Janeiro por volta de 1910, época em que Luiz Azevedo foi nomeado Contra-Almirante da Marinha. Seu filho, também batizado Luiz, nasceu no Maranhão, mas ainda pequeno mudou-se com a família para o Rio, onde eles moravam numa mansão da Rua Conde do Bonfim, na Tijuca.

Quando o marido morreu de um acidente em 1912, Izabel tinha 36 anos e dois filhos pequenos, Syr, de 14 anos, e Luiz, de apenas 7 anos. No meio de uma crise de depressão, viajou para Belo Hori-

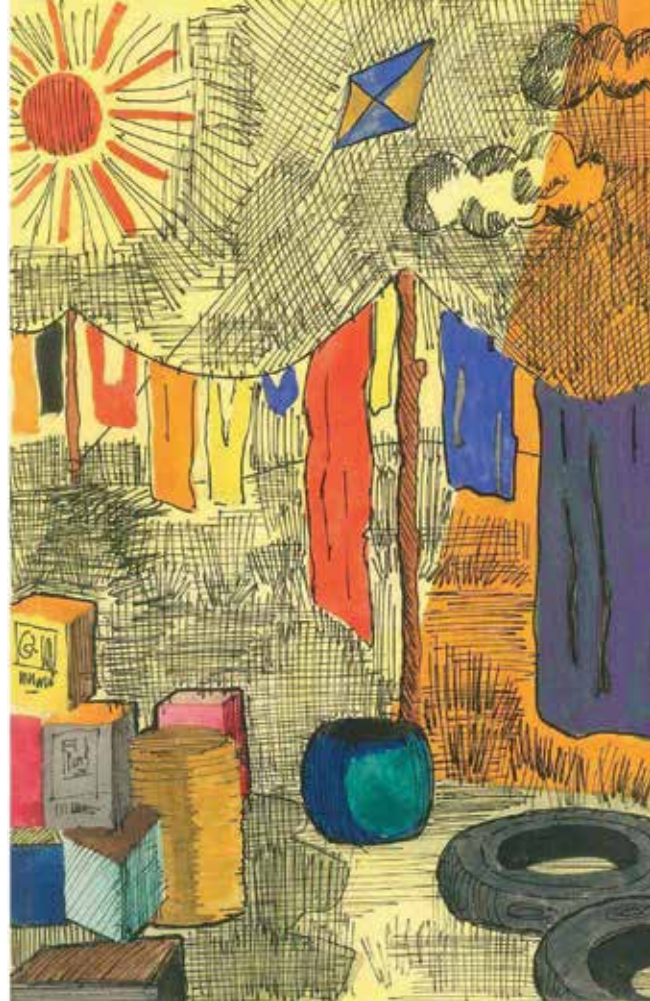


zonte a fim de se encontrar com sua irmã mais velha, Luiza, que estava passando uma temporada ali. Gostou tanto da cidade que para lá se mudou com os dois filhos por volta de 1916-1917.

A pensão de Almirante que o marido deixou para D^a Belinha dava a ela uma condição financeira excepcional na Belo Horizonte do início do século, uma cidade de funcionários públicos e operários. Tanto é assim que, depois de curta temporada numa mansão na Rua da Bahia, D^a Belinha alugou a casa do então Presidente da República, Rodrigues Alves, na Rua Aimorés, quando ele se mudou para o Rio de Janeiro. O passo seguinte foi construir sua própria casa na esquina da Av. Bernardo Monteiro com Padre Rolim.

Com D^a Belinha e os filhos, vieram morar em Belo Horizonte duas irmãs, Delfina e Tertuliana (que todos chamavam Tetê). Delfina, uma mulher delicada e sensível, era três anos mais velha do que Belinha e cedo ficou com problemas de audição e locomoção, quase não saindo de seu quarto. Tetê, uma mulata forte e sorridente, já de idade avançada, era tratada como empregada da casa, embora fosse filha natural do pai de Belinha com uma escrava da fazenda, condição que nem sequer podia ser mencionada na família. Viveu até os 105 anos.

Uma renda confortável, o convívio com família de militares de alta patente, uma cria-



dagem sempre à disposição e o ir-e-vir cosmopolita deram à Belinha ares de aristocracia. Junte-se a isso uma personalidade forte e tem-se uma mulher sempre ativa que quer impor os seus padrões a todos que a rodeiam, custe o que custar. Hábitos requintados de correspondência, culinária elaborada, prática religiosa, elegância no vestuário e nos modos de se comportar em público eram cultivados, tanto quanto o desprezo pelos serviços e pessoas humildes. Isso não combinava, decisivamente, com Diva.

O casamento de Luiz e Diva foi muito simples, renunciando o estilo que levariam a vida inteira. A cerimônia íntima reuniu um pequeno grupo de parentes e amigos na chácara onde Diva morava. Seu Francisco já estava muito doente e sem condições de arcar com as despesas de uma



festa e, por isso, não houve convites. Alguns dias depois, os recém-casados colocaram no correio uma mensagem nos seguintes termos: “Diva Guimarães Cadaval e Luiz Palhano Cadaval participam seu casamento. 15-4-929. Av. Bernardo Monteiro, 921. Belo Horizonte”. D^a Belinha não gostou, pois queria ver os nomes das famílias impressos no comunicado. Não houve acordo.

O endereço foi o da primeira residência dos dois, a própria casa de D^a Belinha, que tinha quatro quartos além de um apartamento anexo, dando para a Rua Padre Rolim. Não era espaço suficiente para abrigar duas personalidades fortes, como ficou claro depois do nascimento de Maria Neuzza e de Paulo Nery.

PÉ NA ESTRADA

Quando Luiz se formou, em dezembro de 1931, Maria Neuzza já estava com sete meses e Diva grávida de Paulo, que nasceria em meados do ano seguinte. Em plena crise econômica, não estava fácil conseguir emprego como engenheiro. O que estava mais à mão era trabalhar para o Governo na construção de estradas e ferrovias no interior do estado. Ele não hesitou e, literalmente, pôs o pé na estrada com toda disposição. Diva ia atrás com os meninos pequenos, morando em condições precárias nas cidades próximas às obras. Luiz





ora ficava nos canteiros de obras, ora morava na cidade, dependendo das possibilidades. Moraram em tantos lugares que a memória não conseguiu guardar todos: São José da Barra, Itapecerica, Lavras, Formiga, Caxambu, Poços de Caldas ...

Para Diva, o mais difícil não era o desconforto, ao qual estava acostumada na chácara da Floresta. Ela sentia mesmo era a falta do convívio com a mãe e as irmãs, tão importante para quem, inexperiente, entre 20 e 30 anos, tinha que lidar com duas crianças pequenas. Às vezes havia uma surpresa.

Nessa época, Nhonhô, irmão mais novo de Diva, trabalhava com Luiz na construção de uma estrada perto de São José da Barra. Diva, com Paulo e Maria Neuza ainda bebês, vivia na cidade próxima, quase um povoado, sem notícias de casa e isolada de tudo e de todos. O telefone do posto mais estragava do que funcionava. A vontade era de chorar e sair correndo com as crianças para

encontrar uma alma amiga, não importa quem fosse. Ah, se eu soubesse dirigir, pensava ela, pegava o Ford bigode de Luiz e me mandava para Belo Horizonte. Era uma sexta feira e ela saiu a perambular, junto da casa, enquanto os meninos dormiam. Mas, onde estava o carro? Será que roubaram? Quando Luiz chegar vai ficar uma fera, foi o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça. Não deu outra: voltando do canteiro de obras, já ao anoitecer, Luiz ficou branco ao receber a notícia do sumiço do carro e correu para falar com o delegado, que a essa hora já comemorava o fim de semana na venda do Tônico. Entre “vamos ver” e “fique calmo”, nada foi feito e os dois, Diva e Luiz, passaram um fim de semana de cão. Se ao menos Nhonhô estivesse por aqui para ajudar na busca ... Mas não, ele havia pedido uma licença e, na sexta à tarde fora para Belo Horizonte passar o fim de semana. Feliz dele, na flor dos 20 anos.

Domingo, uma tarde modorrenta, Luiz sintoniza o rádio na sala quando escuta buzinas insistentes e o barulho inconfundível do Fordinho. Não tinha dúvidas, era ele. Diva deixou Paulo no berço, veio correndo e os dois foram para a rua, com o coração acelerado, para receber o bem-vindo. Eis que surge, no meio do poeirão, Nhonhô descendo do carro, todo feliz, e ao seu lado, D^a Nazinha, com ares de cúmplice. A satis-

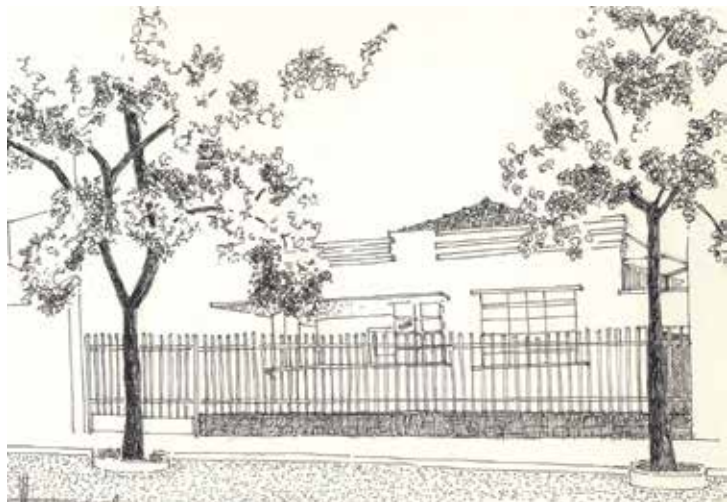
fação de ver a mãe abafou em Diva a vontade de espinafrar Nhonhô que havia roubado o carro para fazer farra em Belo Horizonte. Luiz não ousou soltar a sua raiva e Nhonhô recolheu-se, estrategicamente, à venda do “seu” Tônico para comemorar o fim do domingo.

O vigor da juventude ainda estava lá, mas, depois de alguns anos de vida nômade, o bom senso prevaleceu e Diva resolveu instalar-se na casa de D^a Belinha e esperar o retorno de Luiz nas folgas do trabalho. Foi muito bem recebida de início. Entretanto, nora e sogra repetiram a saga milenar e, pouco a pouco começou a faltar espaço para o mando. O conflito se instalou. A gota d’água foi a insinuação, mil vezes repetida por D^a Belinha, de que Diva deveria entregar Maria Neuza para ela criar. Não fora assim com ela mesma, no Codó, criada pela irmã mais velha depois que a mãe adoeceu? Diva engolia em seco e deixava passar. Até que um dia, sem mesmo falar com Luiz, alugou uma casa ali perto, na Rua dos Otoni, e mudou-se para lá. Luiz, já cansado com as rinhas, concordou de imediato, mas começou a tomar providências para construir a sua própria casa. Com a ajuda da mãe, que não conseguindo aninhar o casal preferiu a proximidade, comprou um terreno na Rua Padre Rolim. A construção da casa terminou em 1933 e, com alguns acrés-

timos, continuou lá 75 anos depois, cercada de arranha-céus.

Os tempos eram difíceis e, para construir a casa, Luiz tomou um empréstimo de 20.000 contos de reis na Caixa Econômica.

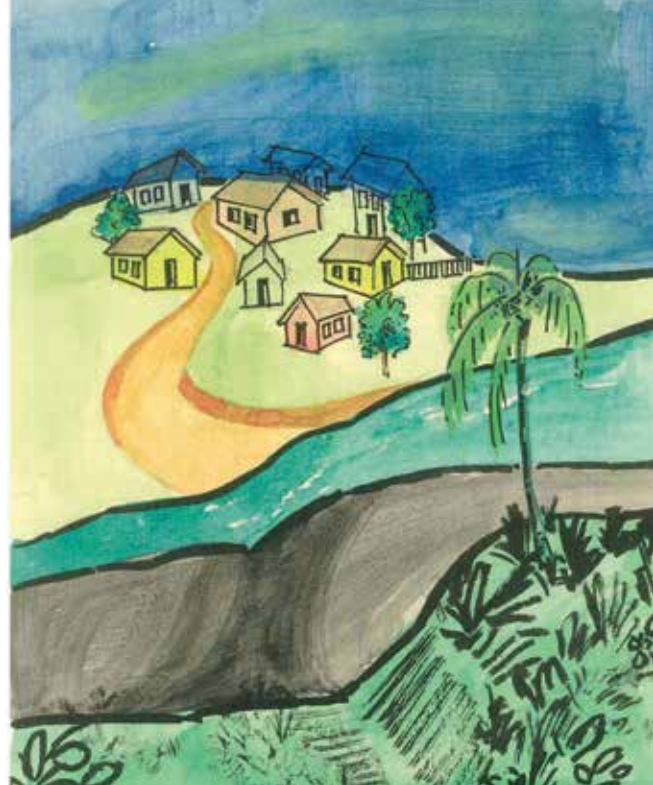
De início era uma casa térrea com três quartos, duas salas conjugadas, banheiro e cozinha. Na frente e do lado esquerdo uma faixa de jardim com canteiros e piso de tijolo. O murinho, como era chamado, marcava o limite da rua e, mais do que proteção, como a grade alta que o substituiu anos depois, era o lugar preferido das crianças para



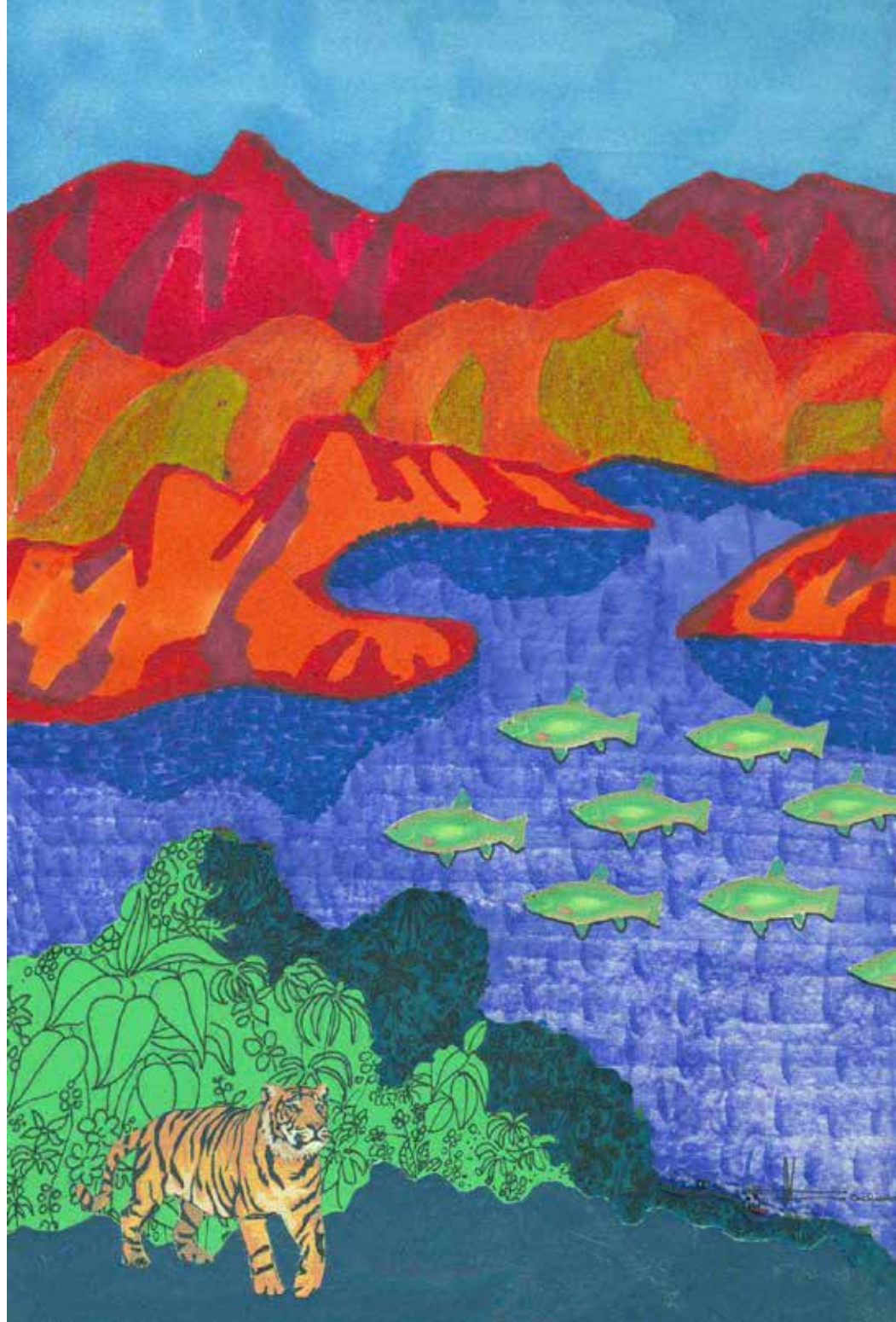
observar, sentadas, o que se passava na rua. Três degraus de escada davam acesso ao alpendre e à porta da sala. O revestimento das paredes externas era cinzento, de pó de pedra que refletia a luz do sol nos fragmentos de mica, produzindo um efeito mágico que encantava os olhos. Do lado direito ficava o portão de acesso a um corredor externo para o qual se projetavam as janelas dos quartos. No fundo, uma faixa estreita de quintal e o barracão com o tanque ao lado, área de serviço e de moradia das empregadas.

Com o aumento da família, a casa ganharia, mais tarde, dois outros quartos e uma copa, mediando o espaço entre a sala, a cozinha e o banheiro.

Entre a casa de D^a Belinha, de esquina, e a de Luiz e Diva espremia-se um pequeno apartamento que, por muitos anos, foi alugado pelo Dr. Juvenal, colega de serviço de Luiz, e sua esposa, D^a. Dina, que não tinham filhos. A entrada era por um pátio ladrilhado que dava frente para a Rua Padre Rolim, mas havia também uma porta, sempre trancada, que comunicava o apartamento com o alpendre da casa de D^a. Belinha. As crianças circulavam entre esses espaços como se fossem a sua própria casa, sem noção de propriedade ou privacidade, coisas que só diziam respeito aos adultos.



Hoje, a rua é um espaço agressivo que todos evitam, na medida do possível. Nem sempre foi assim. As redondezas da casa de Luiz e Diva eram, por excelência, um espaço de convivência e socialização de crianças, jovens e idosos. Todos se conheciam. Além do Dr. Juvenal e D^a. Dina, a D^a. Izaura e seu Levy Leste, D^a. Iá e D^a. Elza, Dr. Gastão Behring e D^a. Mariana, Dr. João Vasconcellos e Eunice, Dr. Ismael Faria, D^a. Liça, Cel. Bragança, Heitor Menin, Mario Coutinho e Cecília, D^a. Milota, família d'Ávila, os Tenuta, D^a. Benvinda de Carvalho, Zé Santeiro e Lourdes, as “compridas” e tantos outros. Nos sobrados da frente ficavam duas repúblicas, onde moravam estudantes de medicina, – a Amor e Cana e a Canaã – e a casa da D^a. Anita, que alugava quartos e dava pensão para estudantes.



De onde pra onde caminha o sol na Padre Rolim? Pedro Nava², que morou ali com sua mãe nos tempos em que Luiz ainda era adolescente, responde de forma belíssima num dos seus livros de memórias: “Esse logradouro corta o bairro e a cidade na direção leste oeste, desaguando, lado oriente, na Avenida do Contorno e lado ocidente, na Avenida Mantiqueira. Essa posição lhe dá sol dia inteiro e ela fica cor de ouro branco pela manhã, de ouro fino à luz zênite, de ouro vermelho à tarde e de ouro preto à noite. Se tem lua – então fica de prata. Sua luminosidade contrasta com o tom acobreado e crepuscular da Avenida Bernardo Monteiro ainda cheia dos velhos fícus de outrora. São estes e a terra da alameda central do logradouro – que dão ao lugar seus coloridos especiais. Duas cores só – o verde e o marrom – mas ambos com todas as nuances graduadas pelas estações, pelas noites claras ou de breu, pelos dias limpos ou de chuva, pela hora do nascente, do meio-dia, do poente.”³

Com o passar do tempo, Luiz conseguiu um emprego na Secretaria de Viação e Obras Públicas, que acumulou, até quase o final da vida, com outro na SIT, empresa de construção, onde cuidava de instalações elétricas e hidráulicas. Os filhos foram nascendo mais ou menos a cada

três anos. Depois de Maria Neuza (que todos chamavam Maninha) e de Paulo, vieram Carlos Alberto, Maria Sílvia, Mauricio, Maria Lúcia e Daisy. Todos receberam nomes duplos, embora o tempo tenha mantido no esquecimento o Nery de Paulo, o Eduardo de Mauricio e o Maria de Daisy. O Hospital São Lucas, com uma das melhores maternidades de Belo Horizonte, ficava logo ali, a poucos metros da Padre Rolim, mas Diva teve todos os sete filhos em casa.

Aos poucos, a situação econômica de Luiz foi melhorando e o empréstimo da Caixa Econômica pôde ser pago. Mas, a verdade é que, com o aumento da família, o dinheiro não chegava até o fim do mês. Em alguns momentos, a ajuda de Syr, engenheiro da Rede⁴ que ganhava bem e não tinha filhos, foi providencial, completada pelos mimos de D³ Belinha.

Com todas as dificuldades, Luiz sempre teve um carro velho. Paulo sabe contar histórias deliciosas de alguns deles, acontecidas nos anos 50⁵. Antes e depois, outros carros fizeram parte da família, sem que a memória os tivesse alcançado.

O programa de domingo era sempre o mesmo. De manhã, Diva ia à missa na capela do Colégio Arnaldo com os meninos, quase sempre acompanhada de D³. Belinha, Titia⁶ e Tetê. Luiz,

2 Pedro Nava, nascido em 1903, é reconhecido como um dos melhores memorialistas do Brasil. Formou-se em medicina pela Universidade de Minas Gerais em 1927. Sua obra mais conhecida, “Baú de Ossos”, foi publicada em 1972, seguindo-se “Balão cativo”, “Chão de ferro”, “Beira mar”, “Galodas trevas” e “O Círio perfeito”. Morreu no Rio de Janeiro em 1984.

3 Pedro Nava, Galo-das-Trevas, Ateliê Editorial, São Paulo, 2003, p. 311 e 312.

4 Rede Mineira de Viação, companhia de estradas de ferro do Estado existente à época.

5 Ver “Os carros de Luiz” mais adiante.

6 “Titia”: assim era chamada Delfina de Carvalho Palhano, irmã de Da. Belinha, pelos sobrinhos netos.



ateu confesso, se recusava a ouvir os sermões dos padres alemães que, segundo ele, eram “cacetes demais”, cheios de promessas de inferno para os pecadores da paróquia. O almoço era em casa, não faltando o macarrão com frango assado, de praxe aos domingos. À tardinha, uma visita, na maioria das vezes à D^a. Nazinha, mãe de Diva, que, depois que o marido falecera, morava com Olga na casa da Rua Silva Ortiz.

Uma vez ou outra, Luiz passeava com os meninos no Parque⁷, onde as diversões preferidas dos meninos eram dar farelo de pão para os patos que nadavam no pequeno lago circular e brincar nas gangorras e escorregadores.

A CASA DA PAMPULHA

Com essa rotina domingueira, a família só poderia receber a boa nova com alegria. Numa segunda feira, à hora do jantar, Luiz contou que havia comprado um terreno na Pampulha, isto é, vocês entendem..., perto, mas não ao lado da represa da Pampulha. A ideia veio do Schmidt⁸, seu colega na Secretaria de Viação, que também comprou um terreno na mesma área e já se preparava para construir um chalé.

Você entende, Diva, agora já são quatro meninos e precisamos arranjar uma diversão melhor para eles nos fins de semana; além do mais, já acabamos de pagar o empréstimo da Caixa Econômica e o terreno é bem barato. Mas, não fica muito longe? perguntou Diva. Bom, não é como daqui até ali na esquina, mas acho que dá para ir com facilidade. Para chegar lá basta pegar o bonde até o final da Antônio Carlos, descer a pé para o Aeroporto, atravessar a pista e pronto. O ônibus é uma opção melhor, pára na frente da estação de passageiros do Aeroporto, mas custa mais caro. As obras que o Juscelino está fazendo na Pampulha certamente vão valorizar – e muito – os terrenos por lá.

Negócio feito, agora era tomar posse do terreno e, quando der, construir uma casinha pequena, que possa crescer com a família. A essa altura a família já incluía, além de Maninha e Paulo, já grandinhos, Nonô e Naná⁹. Quando Mauricio nasceu, a casa da Pampulha já estava pronta e havia algumas plantas espalhadas pelo terreno arenoso, sinais da vitória sempre precária contra a secura do solo e as saúvas, abundantes e famintas. A água vinha

⁷ Parque Municipal, flanqueado pela A. Afonso Pena.

⁸ Eduardo Schmidt Monteiro de Castro, engenheiro.

⁹ Nonô e Naná são, respectivamente, os apelidos de Carlos Alberto e Maria Sílvia.

de uma cisterna escavada junto à cozinha. No início a água era retirada com balde, preso por uma corda à manivela, que, por sua vez, era apoiada num cavalete de madeira; mais tarde, como diz Paulo, veio o avanço da tecnologia e foi colocada uma bomba manual.

O terreno de 2.000 m² era retangular e, no centro dele, foi construída a casa com uma sala grande, dois quartos, banheiro e, no fundo, uma cozinha com fogão a lenha. A iluminação era por lampião à gás com camisinha, que produzia uma luz muito forte.

Além de Luiz, Diva e os filhos, a casa da Pam-pulha era frequentada pelos parentes e pelos amigos de cada um, entre eles Tenente, Nhonhô, os primos, filhos de Ara e Octávio, Murilo Menin, Mario Lott e muitos outros.

Chegar até lá não era tão fácil como Luiz imaginava. Do alto da Avenida Antônio Carlos, final da linha de bonde, aquele bando de meninos e adultos, carregados de sacolas, balaios e pacotes, comandados por Luiz e Diva, descia o morro até a estação de passageiros do Aeroporto. Dali era preciso cruzar a pista de grama, onde raramente



descia um avião, e seguir por um caminho de terra até o ribeirão¹⁰. A travessia era feita por uma pinguela¹¹ muito estreita que amedrontava até os mais experimentados. Titia era uma das que mais temiam a pinguela. Para atravessá-la, fechava os olhos e ia, passo a passo, conduzida por um dos sobrinhos. Alguns anos mais tarde, Daisy também empacava na pinguela, indo em frente a duras penas, com a meninada rindo a valer. Depois era só subir a meia encosta para chegar à casa.

O que se fazia lá? É Paulo quem explica. “Apesar de a terra ser muito ruim, só areia e cascalho, vivíamos plantando qualquer coisa, desde milho e mandioca a flores; de um dos lados do terreno plantei algumas mudas de eucalipto junto à cerca de arame farpado. Muitos fins de semana foram dedicados a tapar as bocas de formigueiros e introduzir fumaça de enxofre em uma delas com a ajuda de um fole para matar as formigas. Havia também muito pernilongo, mas os meninos não podiam reclamar disso. Ganhei de Nhonhô um radiogalena¹²; eu e Papai passávamos horas tentando sintonizar alguma estação com aquela geringonça que usava a cerca de arame farpado como antena. Quando conse-

guíamos, todo mundo vinha correndo, guardando silêncio absoluto para ouvir alguma coisa. Eu e o Mario Lott passávamos muito tempo no alto do morro, observando a pista do aeroporto e a Base Aérea, na esperança de ver um avião chegando ou saindo, o que era raro; se aparecia algum, era motivo de muita alegria e assunto para o resto do fim de semana. Certa vez alguém descobriu nas imediações da casa muitos pés de goiaba vermelha, repletos de frutos maduros. Logo catamos uma enormidade e Mamãe organizou a fabricação da goiabada. Voltamos para casa no domingo carregados de doce.”

Passear na casa da Pampulha era um “programa de índio”, mas sempre muito apreciado. Divertia-se à beça!

Com os filhos crescendo, mudando e casando, ninguém mais ia à casa da Pampulha. Diva contratou um caseiro para manter as coisas em ordem, mas, em vez disso, ele vendeu e cedeu partes do terreno a outras pessoas que construíram ali os seus barracos. Nos anos 70 a área se transformou numa grande favela e a casa da Pampulha virou apenas lembrança.

10 Dreno da represa.

11 Pinguela: tronco ou prancha que serve de ponte sobre um rio.

12 Radio de galena: aparelho rudimentar de rádio no qual se usa o cristal de galena ou sulfeto de chumbo.





A VIDA CONTINUA

E assim, o tempo foi passando e a família crescendo. Os que eram meninos se tornaram adultos e fizeram suas próprias vidas, mas isso é outra história. Diva engavetou o sonho de ser professora e dedicou seu tempo a espalhar amor e firmeza para toda uma geração de pessoas, filhos, netos, bisnetos, parentes e amigos. Morreu aos 101 anos, em fevereiro de 2008. Luiz foi o esteio. Discreto e sorridente, era o espelho em que todos se miravam, silenciosamente. Parece ter sido feliz, apesar de uma longa doença na velhice. Morreu em Belo Horizonte aos 89 anos.

ORIGENS DA FAMÍLIA CADAVAL

Não é de hoje que circula entre alguns parentes a versão de que o sobrenome Cadaval estaria ligado à linhagem dos Duques de Cadaval, de Portugal. Essa versão foi reforçada quando Luiz recebeu a carta de um desses nobres portugueses pedindo informações sobre as origens da família no Brasil (e nunca respondeu). A verdade é que ninguém tinha essas informações e os Cadaval brasileiros continuaram sem direito a um título nobiliárquico e a uma quinta no interior de Portugal...

Mitos como esse surgem quando a nossa curiosidade natural em relação às origens não encontra resposta no conhecimento objetivo dos fatos. O mito, não é tanto uma mentira coletiva, mas sim o esforço para entender o passado, incitando as pessoas a ultrapassar seus próprios limites e elevar-se para os modelos sociais, religiosos etc. O que eu me pergunto sempre é porque algumas pessoas da família elegeram como “modelo” essa estrutura arcaica da nobreza...

Para ser sincero, sempre duvidei dessa origem nobre. Cadaval, em Portugal, é a designação de um título nobiliárquico antigo e não um sobrenome de família. O nome do primeiro Duque de Cadaval, que viveu no século XVII, era D. Nuno Caetano Alvarez Pereira de Melo. Atualmente, quem tem o título é uma mulher, a 11a. Duquesa de Cadaval, nascida em 1978 e que

se chama Diana Mariana Vitória Álvares Pereira de Melo. Escritora com três livros publicados, dizem ser também uma excelente empresária que administra as propriedades da família em Évora e outras localidades de Portugal. Casou-se com um nobre francês e tem uma filha.

Em 2007, incomodado com a ignorância sobre o passado de nossa família, mas sabendo que o meu avô nasceu na cidade do Rio Grande, contratei um especialista de Porto Alegre para fazer uma pesquisa nos inventários da família Cadaval existentes no Rio Grande do Sul. O que vem a seguir é, em parte, resultado desses levantamentos.

Anastácio Francisco desembarcou no Porto de Recife, no final do século XVIII, com a intenção de começar vida nova na colônia. Vinha de Portugal e, ao que parece, deixou lá os seus filhos do primeiro casamento (Antônio José das Mercês, Gertrude Maria, Bernardina Maria das Mercês e Lourenço Francisco). O sobrenome Cadaval veio, provavelmente, do lugar onde nasceu. Por muito tempo, em Portugal, a maioria das pessoas simples não era registrada com um sobrenome e se identificavam ora pelo lugar onde nasceu, ora pela profissão ou outra característica. Assim Anastácio Francisco poderia ser conhecido por sua proveniência, ou seja, de Cadaval. O problema é que tampouco os nomes dos lugares permaneceram constantes ao longo dos anos. A pequena



cidade de Cadaval, que hoje existe próxima de Caldas da Rainha, pode ter tido outra denominação no passado e outra localidade ou região é que se chamava Cadaval. Ou seja, tudo é muito impreciso e, para conhecer melhor as origens de um antepassado é preciso muita pesquisa. Nada se sabe também sobre sua profissão e condição social, mas, na época, eram quase sempre as pessoas pobres que emigravam, à procura de melhores condições de vida no Novo Mundo.

Em Pernambuco, Anastácio Francisco conheceu Anna Joaquina dos Anjos, com quem se casou pela segunda vez. Com ela teve quatro filhos: João Anastácio Cadaval, José Anastácio Cadaval, Senhorinha Joaquina e Caetana Maria de São José. Por algum motivo, a família mudou-se

para a Cidade de Rio Grande, na então Província do Rio Grande do Sul. Foi lá que morreram Anastácio Francisco, em 1823, e Anna Joaquina dos Anjos, seis anos mais tarde.

A linha de descendência que veio dar no meu pai (Luiz Palhano Cadaval) partiu de Caetana Maria de São José. Não se sabe se em Pernambuco ou já no Rio Grande, ela casou-se com Manoel Antônio de Carvalho. É certo que teve um filho, chamado Luiz Anastácio Cadaval. O curioso é que, nos inventários, Luiz Anastácio Cadaval aparece como filho natural de Caetana e pai incógnito. Aí vale qualquer especulação.

Foi na Cidade do Rio Grande que Luiz Anastácio cresceu, prosperou e constituiu a sua extensa família. Em meados do século XIX, Rio Grande

era uma importante cidade portuária, por onde passava grande parte do movimento comercial com as outras províncias do Brasil. O comércio era principalmente de charque, o principal produto da região, essencial na alimentação dos escravos em todo o Brasil. Meu bisavô viveu em Rio Grande na época da Revolução Farroupilha e é provável que, como a maioria dos comerciantes locais, fosse partidário dos monarquistas (legalistas) e contra a emancipação política da província. Aliás, os habitantes de Rio Grande, assim como os de Porto Alegre e Pelotas, na época as principais cidades do Rio Grande do Sul, nunca aderiram, em sua totalidade, ao movimento republicano.

Luiz Anastácio, meu bisavô, era um homem abastado, considerando a época e o lugar onde morava. Quando morreu, em 1888, era proprietário de cerca de 30 casas e credor de inúmeras pessoas. Naquela época, não havia um sistema bancário desenvolvido e os empréstimos eram feitos pelas pessoas de maiores posses, sobretudo os comerciantes. Seu inventário, em 1889, registrou um saldo acumulado de quase cem contos de reis, dos quais cerca de sessenta e cinco eram as então chamadas dívidas ativas, ou sejam valores que lhe eram devidos por várias pessoas.

Ele se casou duas vezes: a primeira com Maria Silvana Cadaval, em 1841, e a segunda com Josefa Rodrigues, em 1847, natural de Pelotas. Teve 10



filhos: Arthur Luiz, José Ribas, João Bento, Luiz, Regina, Urbano, Alípio, Pedro, Enéas Gustavo e Octavio Brasileiro.

Meu avô Luiz, cujo nome completo era Luiz de Azevedo Cadaval (não se sabe de onde veio o

sobrenome Azevedo), assim como José Ribas e Enéas Gustavo, era oficiais da Marinha e moravam no Rio de Janeiro. É provável que, por influência deles, toda a família tenha se mudado de Rio Grande para a Capital do País, onde Luiz Anastácio e Josefa faleceram no final do século XIX.

Em Porto Alegre permaneceu apenas Arthur Luiz, o filho mais velho, nascido em 1852, que se formou em Direito, foi Promotor Público e Deputado na Província do Rio Grande do Sul entre 1883 e 1886.

Luiz de Azevedo Cadaval nasceu na cidade de Rio Grande (RS) em 1855. Entrou para a Marinha com 16 anos e aí permaneceu por 41 anos, reformando-se como Almirante pouco antes de falecer em 1912. Como é normal na carreira militar, morou em muitas cidades, entre elas Vitória, Manaus, Belém, Recife e São Luiz, mas sua residência permanente era no Rio de Janeiro. Luiz conheceu Izabel de Carvalho Palhano, minha avó, em Belém, onde ela – que nesta época residia em São Luiz – foi visitar uma prima. Casaram-se em 1895, quando Luiz tinha 40 anos e Izabel 19. No ano seguinte o casal fixou residência em Belém onde nasceram Laide e Zilda, falecidas ainda crianças, e Syr, meu único tio na linha paterna. Em 1903 mudaram-se para São Luiz, no Maranhão, e foi lá que nasceu Luiz Palhano Cadaval, meu pai, em 1904.

De volta com a família ao Rio de Janeiro em 1905, meu avô veio a falecer sete anos mais tarde, atropelado por um bonde, aos 57 anos de idade. Deprimida com a morte do marido, Izabel, minha avó, aceitou o convite para passear em Belo Horizonte, feito por sua irmã mais velha que estava passando uma temporada na nova capital de Minas Gerais. Gostou tanto que resolveu se mudar para a cidade com seus dois filhos, Luiz de 8 anos e Syr de 14. Syr não teve filhos e Luiz casou-se com Diva abrindo uma nova página para a família.

Como se vê, é bem possível que a origem de nossa família Cadaval seja muito semelhante a de outras famílias brasileiras, lançando suas raízes em gente simples de alguma pequena vila de Portugal. Por enquanto, não há qualquer sinal de nobreza. Aliás, a residência principal dos duques de Cadaval não está na vila que deu nome à linhagem, mas num palácio em Évora.

O palácio foi fundado no século XIV sobre as ruínas de um castelo mouro e desde então pertence à família Cadaval da nobreza portuguesa. Ao lado fica a igreja de São João Evangelista, com uma bela coleção de azulejos do século XVIII. O interior é um museu aberto à visitação, onde se encontram peças históricas e artísticas muito bem conservadas. Vale a pena ser visitado.

OS GUIMARÃES

Antes de se casar, minha mãe tinha o sobrenome Costa Guimarães. Isso mesmo, estou falando da Vovó Diva, como os netos a conheciam, e que faleceu em 2008 aos 101 anos de idade, em Belo Horizonte. O Costa veio de sua mãe, de uma família antiga de Sabará. O Guimarães ela herdou de seu pai, Francisco Antunes da Silva Guimarães, nascido na Alemanha.

Mas, como é mesmo...? Guimarães, com til e tudo, era o nome de um pai alemão? Calma, pois eu vou contar a história toda.

O GUIMARÃES ALEMÃO

Hans Becker e Catarina Salter Becker emigraram da Alemanha para Portugal, provavelmente em fins do século XIX. Levaram seu filho pequeno, meu avô¹.

Primeiro fixaram residência na cidade de Guimarães, em Portugal. De lá vieram para o Brasil em uma das ondas de imigrantes europeus estimuladas pelo governo brasileiro. Pararam primeiro em Curitiba e em seguida mudaram-se para uma pequena cidade nas imediações de Juiz de Fora (MG), chamada Pati

do Alferes. Lá Hans registrou os seus filhos, mas queria que eles tivessem um nome brasileiro. O nome escolhido para meu avô foi Francisco Antunes da Silva Guimarães. Ao que parece, o último sobrenome foi emprestado da cidade de Guimarães, onde viveram em Portugal. Os outros, só Deus sabe que inspiração tiveram.

Essa é uma versão. A outra teria sido contada pela própria Vovó Diva que, nesse dia, estava sentada na sala de almoço, no seu lugar de sempre². Vejam o que ela contou:

“Meus avós paternos eram da Alemanha. Lá nasceu meu pai. Meus avós foram para Portugal, onde nasceu o segundo filho e minha avó morreu no parto. Os dois filhos tinham uma grande diferença de idade. Viúvo, o meu avô veio para o Brasil, onde morou primeiro no Rio de Janeiro com os filhos. Como tiveram muitas dificuldades financeiras, mudou-se para uma cidade vizinha a Juiz de Fora. Meu avô e meu pai mudaram de nome, do alemão para o português, para facilitar a comunicação no Brasil. Como eles moraram na cidade de Guimarães (em Portugal), tomaram emprestado seu nome e o colocaram como sobrenome”.

1 Não se sabe o nome que Francisco tinha na Alemanha. Ele teria um único irmão chamado José, nascido em Portugal, pelo que dizem alguns parentes. Numa árvore genealógica desenhada por Carlos Alberto Cadaval aparecem mais duas filhas de Hans Becker, Alice e Carmem, mas não foi possível identificar a fonte desta informação.

2 Essa versão foi anotada por Ricardo Cadaval.



Há algum tempo atrás encontrei um manuscrito de Diva, datado de 1986, onde ela diz: “Francisco A. S. Guimarães, nascido em Simão Pereira (Juiz de Fora) em 09/05/1861, filho de Francisco Guimarães e Catarina Guimarães, descendente de português e alemã...”

Como se pode ver, há muito a ser explicado sobre a origem de Francisco Antunes da Silva Guimarães. Mas, tudo indica que ao menos sua mãe tinha origem alemã e que o Guimarães do sobrenome, adotado pela família no Brasil, é uma referência à cidade portuguesa de Guimarães. É certo também, por vários testemunhos, que ele era um tremendo “casca grossa”, como se dizia antigamente.

UMA HISTÓRIA DE AMOR

A origem dos Costa é menos controversa, mas nem por isso menos interessante. Tudo começa com uma história de amor, aí por volta de 1840. O amor de José Felisbino por Margarida.

Margarida nasceu em 1826 e era escrava do Barão de Sabará. Aos 14 anos já era uma menina linda, de pele aveludada, feições de rosto delicadas e corpo sensual. Cedo foi chamada para o serviço da Sinhá, longe da fazenda e da senzala. Morava no sobrado que o Barão construiu para a família em Sabará.

Não conheceu mãe nem pai e foi criada com as outras escravas na fazenda, solta e livre como bicho, até que um filho do Barão começou a se enrabichar por ela. Informada do que se passava, a patroa logo mandou trazê-la para a trupe de aias e mucamas na cidade e em pouco tempo se afeiçoou a ela.

Quando Margarida saía para fazer compras no armazém ou para passear com sua patroa, os olhares masculinos de negros e brancos se dirigiam para ela mais do que para as filhas da Sinhá, refletindo admiração e desejo. Um olhar em especial era retribuído por Margarida. O



de Luiz Felisbino³, um fazendeiro português de 40 anos radicado no Brasil, solteiro, que vinha sempre à cidade. Só mesmo na cabeça de uma menina podiam vingar os sonhos de um futuro comum. A diferença de idade não era problema, pois Margarida assistia sempre na igreja os casamentos de meninas com senhores maduros, abençoados e cercados pelas benesses da gente fina de Sabará. Difícil, quase impossível, era imaginar um casamento de escrava com fazendeiro.

Por isso, a surpresa foi muita quando Luiz Felisbino veio visitar o Barão e sua esposa numa tarde quente de dezembro. Margarida não foi chamada, mas ouviu tudo pela porta entreaberta da sala de visitas. Depois de exaltar o caráter benevolente do ilustre casal, ele se propôs a comprar Margarida pela soma que fosse exigida. Disse apenas que via nela a serviçal perfeita para os seus serviços domésticos, eximindo-se de declamar a sua paixão pela moça.

As intenções reais foram perfeitamente entendidas pelo Barão e sua esposa que, gentilmente, se negaram a vender Margarida.

Luiz Felisbino voltou à carga várias vezes, sempre com ofertas mais atraentes, até que depois de muito tempo o Barão concordou com a venda. Mas, havia uma condição, disse o Barão,

³ Luiz Felisbino Costa, falecido em 1871.

imposta por sua esposa: Margarida só iria morar com ele depois de se casar. A felicidade foi total, Margarida ganhou alforria e se casou com Luiz Felisbino na Igreja do Carmo, numa cerimônia quase luxuosa.

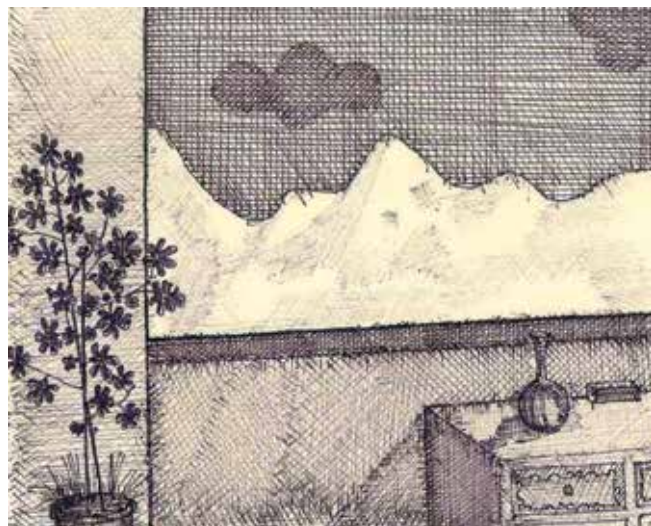
Um ano depois, ela estava grávida e mais bonita do que nunca, fazendo planos para o filho e preparando o enxoval. No dia do parto os sonhos dela e de Luiz se esfacelaram. Margarida não resistiu a uma séria complicação e faleceu aos 16 anos de idade, em 1842. A criança sobreviveu e recebeu o nome de Martiniano.

Luiz Felisbino voltou a se casar bem mais tarde com uma outra Margarida, esta da família Soares Ferreira, com quem não teve filhos. Morreu em 1871.

MARTINIANO E ANA EMILIA

Martiniano Augusto Costa (1842-1917) era mulato e tinha vergonha dessa condição. Talvez por causa disso tenha escolhido a moça mais loira de Sabará para se casar, Ana Emilia Martins (1846-1918).

Mas, quem era exatamente Ana Emilia Martins Costa? Seu pai, Francisco Lopes, era um comerciante rico de Sabará que recebeu (provavelmente comprou) o título de visconde no Segundo Império. Dizem que teria gasto toda a sua fortuna na tentativa de restaurar o trono



de D. Pedro II, perdido com a Proclamação da República em 1889. Empobrecido, concordou a contragosto com o casamento de Ana Emília, sua filha única, com o mulato Martiniano que, na época, teria uma vida abastada⁴. A mãe de Ana Emília era Francisca Assis Martins. Ela e seu

⁴ Em 1889 Ana Emilia já era uma “viele dame” de 43 anos (sic), provavelmente já casada, o que não combina com o empobrecimento de Francisco Lopes depois da Proclamação da República.

irmão, Inácio Antônio Assis Martins (1839-1903), eram filhos de Eufrásia Assis.

Aqui há uma séria divergência. Maria Cristina⁵ diz que Eufrásia era mãe solteira de vários filhos. Já José Francisco⁶ traz a informação de que ela era casada com Francisco Assis Martins Costa. Nas origens genealógicas os gatos são quase sempre pardos...

O irmão de Ana Emília foi mais um nobre (tardio) do Segundo Império. Depois de ter sido deputado e senador entre 1872 e 1889, Inácio Antônio Assis Martins ganhou ou comprou o título de Visconde de Assis Martins, recebendo-o em 20 de julho de 1889. Quatro meses depois a República foi proclamada. Saiu da vida pública e foi ser presidente do Banco Construtor do Brasil. Afinal, a troca não foi tão ruim assim.

O BARONATO

A nossa árvore genealógica faz referência a vários barões e viscondes. Mas, quem foram eles?

No Brasil, os títulos nobiliárquicos eram quase sempre comprados por fazendeiros e comerciantes ricos e serviam para ostentação do poder político da elite. O baronato acabou sendo uma espécie de legitimação do poder local, nos moldes dos coronéis da extinta Guarda Nacional. Os títulos

não eram hereditários. Quando o barão morria, seu filho tinha que pagar uma vultosa quantia ao Imperador para perpetuar o título do pai. Foram concedidos cerca de 950 títulos durante o Segundo Império, sem dúvida uma boa fonte de renda para o Imperador e sua família.

FRANCISCO E ESMERALDINA GUIMARÃES

Mas, voltemos a Ana Emília e Martiniano. O casal teve 9 filhos⁷, entre eles Esmeraldina Costa Guimarães (1872-1962), minha avó materna, mais conhecida como Nhazinha.

O fecho da história se dá quando Francisco Antunes da Silva Guimarães, o provável alemão, conhece Esmeraldina em Sabará, onde se casam em dezembro de 1893. Francisco era agrimensor



5 Maria Cristina Assunção Nunes Pinto é filha de Mário, meu primo, e foi quem deu a contribuição decisiva para a montagem da árvore genealógica da Família, no ramo Costa-Guimarães. Ela preencheu pacientemente e com muita competência um sem número de Folhas de Grupo Familiar consultando várias fontes, que são a base de todo o trabalho posterior. Ficam aqui os nossos agradecimentos a ela.

6 José Francisco Guimarães Costa é meu primo. Ele coletou e nos enviou preciosas informações sobre ancestrais bem antigos do ramo Costa-Guimarães e para isso usou, entre outras fontes, os depoimentos de sua tia, Maria Costa. A ele também o nosso reconhecimento e agradecimento.

7 Por ordem de idade: Antônia, Maria José, Esmeraldina, Francisca, Altina, José Augusto, Duarte, Antônio e Noeme.

da equipe de Aarão Reis, o engenheiro contratado pelo governo de Minas Gerais para planejar e implantar Belo Horizonte. Para se ter uma ideia de como era a relação entre eles, basta dizer que Nhazinha tratava o marido como “Senhor Guimarães”. Inaugurada a nova capital, a família veio morar numa chácara bem atrás da atual Estação Ferroviária, onde nasceram os 12 filhos⁸ com exceção da mais velha, Olga.

Meu avô acabou perdendo a chácara, que se estendia por todo um quarteirão nas imediações das ruas Itajubá e Sapucaí, pois um “amigo”, de quem ele era avalista, não pagou as obrigações e ele foi obrigado a vender o imóvel para saldar a dívida. A situação financeira da família piorou quando Francisco ficou doente; mudaram-se para uma casa alugada na Rua Davi Campista. Meu avô morreu em 1930, um ano depois que Diva se casou com Luiz. Esmeraldina foi morar com os filhos numa casa à Rua Silva Ortiz, no bairro da Floresta, comprada por Olga, a filha mais velha que a essa altura estava formada em Farmácia e trabalhava no Instituto Ezequiel Dias, como química. Para enfrentar os problemas financeiros, os filhos e também as filhas foram obrigados a trabalhar, numa época em que o trabalho da mulher fora de casa ainda era uma raridade. Mas, foi por conta de seu emprego que Diva conheceu Luiz.

⁸ Por ordem de idade: Olga Catarina (o Catarina foi em homenagem à avó), Elvan (Tenente), Ara, Elton, Ilda, Dulce, Élson Antônio (Ninico), Diva, Dora, Eder (Nhonhô), Elmon (Elminho) e Zulma.

